

OXIGÊNIO

FEVEREIRO 2023



NÚMERO 42

BANKSY SEM LIMITES



EDITORIAL

A folia cultural de fevereiro traz enredos dignos dos mais celebrados desfiles das escolas de samba.

Entre os destaques, Banksy e Michelangelo! Ambos em São Paulo, com a potência e o vigor das irresistíveis orquestras de percussão das baterias que arrebatam multidões em absoluta harmonia.

A grande exposição imersiva e interativa de Banksy – o genial artista britânico que se esconde e preserva a sua identidade – reúne mais de 160 obras, entre originais certificados, gravuras, fotos, litografias, esculturas, murais e instalações de videomapping feitas especificamente para a mostra *The Art of Banksy: “Without Limits”*, em cartaz no Shopping Eldorado.

Em paralelo, a exuberância de *Michelangelo: o mestre da Capela Sistina*, no MIS Experience. Essa é a primeira mostra no país que conta com projeção mapeada no teto e nas paredes. No total, 14 salas, distribuídas em mais de mil metros quadrados, convidam os visitantes a um mergulho na capela mais famosa do mundo e na reprodução do ateliê do artista renascentista, com direito a manuscritos, esculturas e desenhos.

A exposição *The Point 0*, do iraquiano Mohammed Sami, no Camden Art Centre, em Londres, também merece um estandarte premiado.

BOA LEITURA.

Foto de capa: Exposição imersiva e interativa *The Art of Banksy: “Without Limits”* / Divulgação

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradores: Antonella Kann e Bruno Calixto

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: Concurso de Fotografia “*Olhares da Filantropia*” recebe inscrições até dia 28 | *Ubu Rei*, do grupo Os Geraldos, faz temporada no Sesc Consolação, SP | Financiamento coletivo para Exposição de artes visuais *Elementos 2023* | *A Divina Farsa* no Itaú Cultural, SP | *Parque Industrial*, romance de Pagu, faz temporada na Oficina Oswald de Andrade. SP

17

MATÉRIA DE CAPA: *The Art of Banksy* – “*Without Limits*” chega pela primeira vez ao Brasil

22

TURISMO: Coimbra, bela e sem lágrimas

28

GASTRONOMIA: *Hell de Janeiro* e a onda dos restaurantes na areia; o mais novo mistura Califórnia e costa Mexicana

32

Arte nas Estações – Parte da Coleção do Museu Internacional de Arte Naïf é exibida no interior de Minas Gerais

37

Michelangelo, o mestre da Capela Sistina – Exposição inédita no MIS Experience, SP

41

Meu Corpo: Território de Disputa – Coletiva reúne trabalhos de 27 mulhetes de diferentes gerações e abre o calendário 2023 da Galeria Nara Roesler SP

45

Abre Gira e Geometrias do Habitar na Escola de Artes Visuais (EAV) Parque Laje, RJ

51

Memorial às Vítimas do Holocausto é inaugurado no Rio de Janeiro

57

DIRETO DE LONDRES: *The Point 0*, de Mohammed Sami, no Camden Art Centre, Londres



Foto: Divulgação

CONCURSO DE FOTOGRAFIA "OLHARES DA FILANTROPIA"
RECEBE INSCRIÇÕES ATÉ DIA 28

Concurso inédito busca celebrar e reconhecer imagens de trabalhos filantrópicos registrados por fotógrafos amadores e profissionais de todo o Brasil

Olhares da Filantropia é uma iniciativa do Fórum Nacional das Instituições Filantrópicas (FONIF), – associação sem fins lucrativos que tem por objetivo a garantia dos direitos e interesses das instituições filantrópicas – com a coordenação de Carlo Cirenza, editor da revista *Carcara Photo Art*.

A proposta é dar visibilidade às fotografias que retratem iniciativas de políticas públicas e ações solidárias nas áreas de Educação, Saúde ou Assistência Social que atendam às necessidades e garantam os direitos dos cidadãos. As inscrições estão abertas até o dia 28 de fevereiro de 2023.

As imagens, que podem ser profissionais ou não, captadas por smartphone ou câmera fotográfica, devem ser autorais e nunca terem participado de outro concurso. Os trabalhos devem ser encaminhados pelo site www.fonif.org.br/olhares-da-filantropia.

O júri técnico é formado por Sólton Ribeiro, Denise Camargo, Carlos Carvalho, Sinara Sandri, Paulo Lima e Lula Sampaio, que vão selecionar as três melhores fotografias de cada categoria. Os vencedores serão premiados com R\$ 3.000,00 (1º lugar), R\$ 2.000,00 (2º lugar) e R\$ 1.000,00 (3º lugar), em um evento especial que será realizado em abril.

CALENDÁRIO DO CONCURSO

Inscrições: Até 23h59 do dia 28/02/2023

Avaliação e julgamento: de 28/03 a 10/04/2023

Divulgação das fotografias pré-selecionadas: 01/04/2023

Anúncio dos finalistas: 11/04/2023

Divulgação do resultado do concurso e premiação:

A partir de 17/04/2023

Mais informações e Edital completo:

<https://fonif.org.br/olhares-da-filantropia/>



UBU REI, DO GRUPO OS GERALDOS, FAZ TEMPORADA NO SESC CONSOLAÇÃO, SP



Foto: João TK

Com direção de Gabriel Villela e dramaturgia de Alfred Jarry, o espetáculo é uma sátira ao Brasil atual e fica em cartaz de sexta a domingo, até 12 de março



Foto: Stephanie Lauria

O espetáculo “*Ubu Rei*”, de Alfred Jarry, é a nova produção do grupo Os Geraldos, de Campinas (SP). Trata-se de um clássico do teatro ocidental, marco de ruptura e transgressão no século XIX, que revela-se mais contemporâneo do que nunca ao fazer uma sátira do Brasil atual. A direção é de Gabriel Villela; tradução de Bárbara e Gregório Duvivier.

O espetáculo marca o segundo encontro do diretor Gabriel Villela com o grupo Os Geraldos. A primeira parceria resultou em “*Cordel do Amor sem Fim – ou A Flor do Chico*”, de Claudia Barral, que tem circulado pelo país. O teatro popular é o território que liga o grupo ao diretor; ele tem uma estética vinculada às raízes culturais do Brasil profundo, e trabalha na criação de pontes de sentido entre os clássicos e o contexto do espectador. “*Ubu Rei*” faz uma sátira do poder obtido por usurpação e exercido com tirania, ao apresentar Pai e Mãe Ubu, um casal entregue à barbárie que invade a Polônia e, assassinando o rei, assume o seu trono.

Considerado por dadaístas e surrealistas como precursor desses movimentos, assim como do teatro do absurdo e da performance, Alfred Jarry oferece o material dramático que Villela e o grupo Os Geraldos buscavam para responder, com beleza e humor ácido e inteligente, a esse momento histórico do Brasil. Villela ressalta a vinculação direta com a situação sócio-político-cultural brasileira. “*Nós criamos um delírio tropical, em que fazemos uma sátira afiada do nosso país, respondendo, com violência poética, à selvageria e à estupidez destes tempos*”, declara o diretor.

Gabriel Villela – que tem contribuição também na Música Popular Brasileira, com a direção de shows de Maria Bethânia, Milton Nascimento, Elba Ramalho e Ivete Sangalo – já dirigiu mais de 50 espetáculos teatrais. Entre os prêmios recebidos, destacam-se: Molière, Sharp, e Shell, além das premiações internacionais, como no *Festival Theater Der Welt in Dresden* (Alemanha), *Word State Festival*, em Toronto (Canadá),

e “GlobetoGlobe”, no *Shakespeare’s Globe Theatre* (Londres, Inglaterra). Sua poética e produção artística estão registrados no livro “*Imaginal! O teatro de Gabriel Villela*”, de Dib Carneiro Neto e Rodrigo Audi, lançado em 2017 e vencedor, na categoria de livro de arte, do Prêmio Jabuti 2018.

SOBRE O GRUPO

O grupo Os Geraldos, com sede em Campinas (SP) desde 2008, tem três frentes de trabalho: Criação Artística, Projetos Formativos e Territórios Culturais. O grupo já circulou por mais de 80 municípios, de três países e de dez estados brasileiros, e foi indicado ao *Prêmio Governador do Estado de Territórios Culturais* (2017), além de receber mais de 40 prêmios, em festivais nacionais e internacionais.

SERVIÇO

Espectáculo *Ubu Rei*

Até 12/3/2023

Sextas e sábados, às 20h, domingos, às 18h

Local: Teatro Anchieta (280 lugares) – Sesc Consolação

Rua Doutor Vila Nova, 245, São Paulo / SP

Metrô Higienópolis-Mackenzie

Informações: (11) 3234-3000

sescsp.org.br/consolacao

Horário de Funcionamento: Terça a sexta, das 10h às 21h30;

Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h

Duração: 80 minutos

Classificação: Não recomendado para menores de 16 anos

Preços: R\$40,00 (inteira) | R\$20,00 (meia entrada)

R\$12,00 (credencial plena)

Os ingressos estarão disponíveis para venda em sescsp.org.br ou nas bilheterias do Sesc São Paulo



benfeitoria



EXPOSIÇÃO ELEMENTOS 2023

Still do vídeo institucional

FINANCIAMENTO COLETIVO PARA “ELEMENTOS 2023”
Exposição de artes visuais inspirada no livro do ativista indígena Ailton Krenak promove o uso de resíduos no fazer artístico: o *upcycling art*. Os artistas buscam financiamento coletivo até o dia 8 para realizar o projeto



A ARTE TRANSFORMA

Still do vídeo institucional

A Exposição *Elementos 2023* é um projeto de exposição de Artes Visuais para exibir trabalhos na proposta de *upcycling art* – obras que reusam cinco materiais que são descartados na natureza: madeira, metal, papel, plástico e resíduos têxteis.

A mostra, agendada para o período de 13 de junho a 13 de agosto de 2023 no Museu Inimá de Paula, em Belo Horizonte, MG, necessita de financiamento coletivo e conta com a participação de diversos artistas independentes que se reuniram para a realização do projeto.

Como contrapartidas, foram criadas recompensas como arte doada pelos artistas participantes, convites para a vernissage, catálogo, obra de arte da série “*Favelinhas*”, de Monica Mendes, e ainda a logomarca no caso de empresa patrocinadora.

As obras já foram selecionadas e a exposição trará uma narrativa inspirada no livro do ativista indígena Ailton Krenak, “*Ideias para adiar o fim do Mundo*”, propondo reflexões sobre a arte contemporânea e crítica à visão antropocena de que tudo na natureza está a serviço dos seres humanos. Temas como mudanças climáticas, desmatamento e poluição ambiental serão explorados na exposição, idealizada pela artista e curadora Ligia Moregula.

Os artistas estão confiantes de que esse projeto vai trazer uma reflexão sobre o fazer artístico, ao propor a inserção dos resíduos descartados na natureza, contribuindo para a redução do impacto ambiental, com a suprarreciclagem.

O Museu Inimá de Paula, no Centro de Belo Horizonte, é o espaço que irá acolher a exposição. Foi pensado por

oferecer também medidas de acessibilidade. A campanha tem até dia 8 de fevereiro para atingir a meta de R\$ 40 mil no financiamento coletivo e captar recursos para concretizar a exposição, o projeto de expografia e a confecção de catálogo das obras.

ARTISTAS PARTICIPANTES

Ana Maria Guimarães, Cecília Staubli-Thibes, Cristiane Félix, Diego Medeiros, Diego Mendonça, Djalma Marcelino, Elania Matos, Eliane Guedes, Frau Mendes,

Guilherme Martins, Karol Canto, Léo Piló, Ligia Moregula, Lisianny Marinho, Maria Amélia Fonseca Eugênio, Mila Castanheira, Monica Mendes, Regina Moraes, Rose Mary Andrade e Zildo Flores.

SERVIÇO

<https://benfeitoria.com/projeto/exposicao elementos2023>

Informações: exposicao elementos@gmail.com

(31) 99617-7356 – Ligia Moregula

Still do vídeo institucional



A ARTE ADIA O FIM



Foto: Melissa Guimarães / LaMínima

A DIVINA FARSA NO ITAÚ CULTURAL

Em uma versão carregada de bom humor e atualidade, espetáculo traz deuses gregos à Terra em dias atuais para (tentar) salvar o planeta

A companhia de circo e teatro LaMínima abre a temporada 2023 de artes cênicas do Itaú Cultura, com A DIVINA FARSA. O espetáculo mistura comicidade, música e teatro, atualiza os mitos gregos, com referências aos acontecimentos dos dias atuais, e mostra a importância da coletividade, fazendo menção à criação teatral e circense e à própria companhia, que comemorou 25 anos em 2022

Em *A Divina Farsa*, Dionísio chega ao Olimpo para reivindicar a atenção de seu pai Zeus. Filho bastardo, encontra-se no Panteão com deusas e deuses, no momento em que deliberam quem descerá à Terra para acudir a humanidade, mais uma vez à beira de uma crise. Apolo é escolhido e encaminhado para um circo mambembe, o território do deus do teatro. Com seus disfarces, Dionísio enreda a trupe em estratégias para mostrar que conhece mais a natureza dos humanos do que seu meio-irmão, Apolo.

Transitando entre o cômico e o poético, o espetáculo brinca o tempo todo com a ideia de que no circo cabe todo mundo, todo tipo de gente. E com a gangorra entre se pensar divino e se pensar humano, quem é deus e quem não é, afinal, o divino está em cada um.

Um dos primeiros nomes dados à peça seria *Com Dionísio Não se Brinca*, evidenciando que com o deus do teatro não se brinca. Não à toa, os dois deuses vão parar no circo “Olimpo”, que encampa e acolhe todas as questões.

Foto: Melissa Guimarães / LaMínima



Enquanto Dionísio quer criar conflitos e alimentar o caos, surge a personagem Dandara, que carrega a novidade, a criança, a curiosidade, o questionamento, sem se deixar seduzir pelos encantos do deus. E no ‘embate’ entre essas duas divindades, de origens tão diferentes, Dandara devolve para o circo a noção de questionar quem é aquele ser, desvenda a farsa, devolve para o coletivo e traz a sua herança. São outros valores, com muita poesia, dança, música e reflexão. Além do fato de reconhecer que a mitologia grega faz parte de tradição europeia branca colonialista.

DESENHANDO A AÇÃO

Em sala, será distribuído o programa da peça com ilustrações exclusivas feitas pela cartunista Laerte, que possui uma parceria com o LaMínima em trabalhos de criação artística e estética de comunicação: *Luna Parke*, *Piratas do Tietê – o Filme*, e *A Noite dos Palhaços Mudos* são alguns exemplos.

TRAJETÓRIA

O LaMínima nasceu no circo e se criou na rua. A base de sua pesquisa é o palhaço de picadeiro, que absorve as primeiras experiências dos palhaços da companhia.

Nasceu em 1997, pelas mãos de Domingos Montagner e Fernando Sampaio. No mesmo ano de sua criação, fez as “rodas” realizadas em parques e praças da cidade de São Paulo, remuneradas “pelo chapéu”. A rua é onde a companhia reencontra suas origens e seu público.

Desde então, foram dezenas de criações e milhares de apresentações. Em 2016, a dupla de palhaços Agenor e Padoca não existia mais. Domingos Montagner saiu de cena, mas o legado do LaMínima e a trajetória de seus espetáculos continuam. No ano passado, a companhia completou 25 anos e *A Divina Farsa* fecha o ciclo das comemorações.

Em seus 25 anos, o LaMínima vem criando espetáculos a partir de um tema ou de uma expressão original, seja ela romance, HQ, ópera ou texto teatral. A maioria dos espetáculos é fruto de pesquisas da companhia desenvolvidas em improvisações do elenco, na presença dos parceiros de criação.

SERVIÇO

Espectáculo *A Divina Farsa* – LaMínima

Itaú Cultural – Sala Itaú Cultural (Piso Térreo)
Av. Paulista, 149, Bela Vista, São Paulo / SP

De 1 a 26 de fevereiro, de quarta-feira a domingo

Horário: quarta, quinta, sexta e sábado – 20h
e domingo e feriados – 19h

Capacidade: 224 lugares | Entrada gratuita

Reservas de ingressos na semana anterior às sessões através da plataforma INTI – acesso pelo site do Itaú Cultural

www.itaucultural.org.br

A temporada contará com acessibilidade em libras em todas as sessões



Foto: Melissa Guimarães
LaMínima



Foto: Jennifer Glass

PARQUE INDUSTRIAL, romance de Pagu, faz temporada na Oficina Oswald de Andrade, SP

Dirigido e adaptado por Gilka Verana, a peça – com elenco feminino – revela como temas abordados pela escritora e ativista política há quase 90 anos ainda persistem na vida das mulheres: o machismo, a exploração, o assédio sexual no trabalho, a violência doméstica, a desigualdade de classe e gênero, o racismo estrutural

Parque Industrial é uma adaptação para o teatro do livro de 1933, da escritora e ativista política Pagu. O romance proletário, como definiu a própria autora no subtítulo da edição, aborda a vida de mulheres trabalhadoras no início do século XX, em uma reflexão sobre as condições de classe e gênero principalmente. A peça faz temporada a partir de 1º de fevereiro e segue em cartaz até dia 16, na Oficina Cultural Oswald de Andrade. As apresentações são gratuitas.

A escritora, diretora, tradutora, jornalista e militante política Patrícia Galvão, a Pagu, publicou o livro sob o pseudônimo de Mara Lobo. A obra faz um retrato da cidade de São Paulo da década de 1930 e expõe de forma crua as condições de abandono e exploração no cotidiano das mulheres trabalhadoras. “A obra de Pagu tem como temas principais a luta de classes e as mulheres operárias. Na peça, quis criar uma conexão com nosso tempo, a São Paulo que vivemos e também trazer

um olhar para o protagonismo feminino no enfrentamento das mazelas produzidas pelo capitalismo”, revela Gilka Verana sobre a adaptação da peça feita por ela.

A diretora conta que a peça lida com as questões políticas e sociais do romance proletário de Pagu e também com a materialidade poética de sua escrita. Para Gilka, Pagu faz denúncias sobre a situação feminina em diferentes classes sociais, tanto no ambiente social quanto no privado. *“Pagu critica também a feminilidade que performa para agradar ao patriarcado e o feminismo elitista. Ela não apazigua. Ela nos traz o confronto e a apropriação dessa discussão, ao mesmo tempo que abre os caminhos para a reflexão sobre nossa condição atual enquanto mulheres, trabalhadoras e artistas”,* revela a diretora.

Diferentemente do livro, que conta com três principais protagonistas, a peça traz onze mulheres em cena, todas com destaque, com linhas narrativas que se constroem e dissipam. Sem a presença de homens, as personagens masculinas são representadas de diferentes formas: um manequim, máscaras, vozes em off, leituras das falas dos homens feitas pelas atrizes.

“Esse olhar vivo em relação ao seu próprio tempo define a importância do resgate dessa obra, principalmente ao constatarmos que se tratam de desafios sociais enfrentados ainda hoje em batalhas contra praticamente as mesmas opressões e desigualdades”, finaliza a diretora.

O ROMANCE PROLETÁRIO DE PAGU

O livro *Parque Industrial* faz uma transposição literária da fala e do modo de vida da mulher proletária em São Paulo na década de 1930, e tem como cenário o bairro

do Brás, um dos mais representativos da entrada do trabalho industrial no Brasil. É nessa região que se desdobra a trajetória de três mulheres: Corina, que se torna trabalhadora do sexo ao ser demitida por engravidar e não ser casada; Eleonora, que escapa da pobreza ao se casar com o rico Alfredo Rocha; e Otávia, uma militante que também se envolve com Alfredo.

São personagens nada heroicas, carregadas de desilusão, dor, desespero e falta de perspectiva, que buscam sobreviver em meio ao movimento dilacerante do progresso da cidade de São Paulo.

O enredo não se limita à vida das três personagens. Ele se apresenta como um mosaico complexo de uma cidade vista sob uma lente de aumento narrativa que amplia a perspectiva do lado voraz do progresso. A cidade de São Paulo, portanto, torna-se uma personagem tanto quanto as próprias mulheres.

SERVIÇO

Espetáculo Parque Industrial

De 1º a 16 de fevereiro

De terça a sexta às 19h30 e sábado às 14h30 e às 18h
Oficina Cultural Oswald de Andrade


Rua Três Rios, 363, Bom Retiro, São Paulo / SP

Gratuito – retirada de ingresso na bilheteria do espaço uma hora antes

Duração: 120 minutos | Indicação: 16 anos



Foto: Jennifer Glass



*The Art
of Banksy:
“Without
Limits”*

chega pela
primeira vez
ao Brasil

Exposição imersiva e interativa de Banksy, em cartaz no Shopping Eldorado, SP, reúne mais de 160 obras do artista de rua britânico que se esconde e preserva sua identidade, à medida que conta uma história e passa mensagens contundentes de maneira misteriosa e direta

A exposição reúne mais de 160 obras do artista, entre originais certificados, gravuras, fotos, litografias, esculturas, murais e instalações de *videomapping*, feitas especificamente para essa edição. Alguns de seus trabalhos foram cuidadosamente reproduzidos especialmente para a temporada brasileira, a partir de sua técnica de estêncil. Um documentário em vídeo oferece aos visitantes informações sobre a vida e a obra do artista.

A mostra promove uma verdadeira imersão do público no universo de Banksy, cuja verdadeira identidade permanece uma incógnita. Há quem o considere um grande provocador, enquanto outros o aclamam como um gênio da arte, com obras vendidas por milhões de dólares. Seja como for, ninguém pode negar sua popularidade: em 2010, a revista Time selecionou o artista britânico para integrar sua lista das 100 pessoas mais influentes do mundo, ao lado de Barack Obama, Steve Jobs e Lady Gaga.

Banksy é um artista que adora provocar e questionar os valores vigentes, chocar e até mesmo perturbar a sociedade. Ele consegue isso com poesia, energia,





Kate Moss
Foto: Divulgação

humor e uma capacidade enervante de penetrar o cerne de cada questão abordada. Sua arte tem o poder de unir as pessoas e inspirá-las a mudar o mundo para melhor. Ele esconde sua identidade e aparece sempre com um capuz. Esse mistério é mantido com a ajuda de um grupo de colaboradores que chega a montar tapumes ao redor do artista para proteger sua identidade.

Uma das mais relevantes exposições sediadas no Brasil, *The Art of Banksy: "Without Limits"* promete – e entrega – uma experiência genuinamente impressionante, e é obrigatória para todos que desejam celebrar

ou aprender sobre a produção desse grande artista. Muitas das principais obras de Banksy estão expostas, entre as quais, *"Gangsta Rat"*, *"Flying Copper"*, *"Kate Moss"*, *"Kissing Coppers"*, *"Monkey Queen"*, *"Bomb Hugger"*, *"Game Changer"* e as icônicas e celebradíssimas *"Flower Thrower"* e *"Ballon Girl"*. As obras encontram-se distribuídas em 14 ambientes, incluindo uma sala dedicada à Ucrânia, com suas intervenções mais recentes feitas em uma área bombardeada na guerra com a Rússia.

Nos anos 1990, os trabalhos do artista chamaram atenção pelo uso da técnica do estêncil em seus grafites



My wife hates it when I work from home

Foto: Divulgação

– o desenho aplicado através de um corte no papel por onde passa a tinta, o que lhe garante rapidez no trabalho. Em suas obras, além de pintar figuras irônicas e frases de efeito em paredes de prédios e muros, Banksy deixa mensagens carregadas de conteúdo social e político.

“A mostra foi preparada para que em alguns casos as pessoas consigam se sentir inseridas no ambiente de algumas de suas criações, como se estivessem com ele no momento e no local em que sua arte foi gerada. É o que ocorre, por exemplo, com o seu trabalho mais recente, a intervenção feita na Ucrânia”, explica Rafael Reisman, produtor executivo da exposição, realizada em parceria com Muse Entertainment, Events e EEG.

Em paralelo, o Shopping Eldorado recebe, separadamente, a exposição *“Frida Kahlo – Uma Biografia Imersiva*. A exposição esteve na Bahia até 4 de dezembro (matéria de capa da Oxigênio de outubro de 2022 – www.oxigeniorevista.com).



SERVIÇO

Exposição imersiva e interativa

The Art of Banksy: “Without Limits”

Período: 01/02 a 30/04/2023

Local: Shopping Eldorado

Av. Rebouças, 3.970, Pinheiros. São Paulo / SP

Horário: Segunda a sábado das 10h às 22h
(última entrada até 21h20)

Domingo das 11h às 21h (última entrada até as 20h20).

A tolerância de atraso para a entrada é de até 20 minutos após o horário agendado no ingresso.

Ingressos: de R\$ 45 a R\$ 170, para cada uma das mostras; os ingressos são vendidos separadamente por exposição no site oficial da Eventim

Classificação etária:

Livre – menores de 12 anos entram somente acompanhados.

Foto: Divulgação



COIMBRA, BELA E SEM LÁGRIMAS

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Todo conto começa assim: era uma vez... e esse não vai ser diferente.

... Era uma vez, há mais de 650 anos atrás, um poderoso príncipe e uma bela dama envolvidos numa grande paixão. Infelizmente, devido a intrigas no reino, os amantes eram obrigados a vivenciar o seu amor às escondidas. A desaprovação chegava a tal ponto que, aproveitando uma ausência temporária do seu filho, o rei mandou executar a sua amante a facadas, o que, é óbvio, desencadeou uma violenta revolta por parte do príncipe. E, pouco depois, assim que sucedeu ao pai, a

primeira providencia foi se vingar e mandou executar os assassinos com requinte de crueldade: eles tiveram o coração arrancado ainda vivos. Não satisfeito, o novo rei fez questão de desenterrar os restos mortais de sua amada, a colocou sentada no trono e mandou que a coroassem como a sua rainha, alegando ter-se casado com ela em segredo. Em seguida, os súditos foram obrigados a prestar homenagem pública e beijar a mão do cadáver, sob ameaça de morte.

Deu arrepios? Pois a história da rainha morta é real e todo o cenário também: estávamos em Portugal na

Na página anterior: a Universidade de Coimbra vista de baixo

Fachada da Quinta das Lágrimas



Idade Média, o príncipe era dom Pedro; seu pai, o rei, era Dom Afonso IV e a fidalga era sua prima D. Inês de Castro. Grande parte dessa história de amor foi vivida em Coimbra, mais especificamente nos arredores de uma quinta onde está erguido um palacete construído no século 18 que hoje abriga um sofisticado hotel da rede *Relais & Chateaux*. Emoldurada por um magnífico parque de 120 mil metros quadrados, a Quinta das Lágrimas ainda emana a história desta paixão.

Assim que a gente coloca os pés no belo saguão dessa mansão aristocrática, a vibração é intensa: logo na entrada, nos deparamos com o vestido de D. Inês erguido num manequim. A Rainha Morta, como é mais conhecida essa fidalga, causa uma impressão bem forte... Logo imaginamos as cenas dos encontros secretos, das juras de amor, do desfecho brutal e do cenário de desolação após a sua morte. Na recepção, uma escultura de Inês, talhada em pedra, nos remete novamente ao passado e a lenda vivida entre os ilustres personagens. É que, apesar de Pedro e Inês não terem conhecido o palacete, deixaram suas auras no espaço.

Todo o ambiente, a decoração, a sobriedade dos longos corredores, o pé direito alto, o pátio interno e os magníficos jardins são dignos de realeza. Hoje, quem também se delicia regiamente são os golfistas, que encontram ao seu dispor, ao pé do hotel, um campo de golfe *pitch and putt* de nove buracos e mais um *putting green*. Além disso, o Quinta das Lágrimas atrai uma clientela pela gastronomia renomada de seu restaurante, o *Arcadas*, onde o destaque é o menu degustação intitulado



Vestido de D. Inês de Castro

Pátio interno da Quinta das Lágrimas



– você adivinhou! – “Pedro & Inês”. E que tem tudo para propiciar muita alegria aos comensais.

Embora muita coisa gire em volta desse drama de amor e seus protagonistas – leia-se inúmeras fundações, festivais de arte e eventos com o nome de Inês e Pedro – a cidade é alegre e vivaz. A bela Coimbra, antiga capital de Portugal, é uma festa. Nem mesmo as enchentes históricas do rio Mondego estragam a vivacidade dessa cidade cheia de jovens, uma cidade acadêmica por excelência – a universidade de Coimbra é apenas um entre os inúmeros monumentos históricos cujo estado continua impecável. Entre eles se destaca também a mais antiga e bem conservada catedral romana de todo o país.

Fora esses marcos históricos, que exigem uma peregrinação cultural de peso, não dispense uma fuga até o

mercado municipal Pedro V, para sentir os aromas e acompanhar de perto a rotina dos habitantes que vêm comprar verduras e frutas. Para quem saboreia a autenticidade, essa visita é um *must*. Especialmente para os que apreciam coloridos exóticos e a genuinidade que existe em qualquer ambiente popular. E já que estamos falando em popular, não deixe de experimentar as famosas arrufadas, um pão de brioche salpicado com coco, uma das especialidades culinárias de Coimbra.

O cenário no dia a dia de Coimbra é repleto de estudantes, muitos perambulando pela parte antiga da cidade, ao pé do promontório onde se ergue a universidade. Dizem por lá que quase todos os caminhos levam à sacrossanta universidade. Mas o mais conhecido é saindo do Largo da Portagem, bem em frente à ponte que atravessa o rio Mondego, onde existe um



Visão geral da cidade



Pedalando nas ruelas do centro antigo



Deck dos restaurantes do Parque Verde, às margens do rio Mondego

percurso íngreme que serpenteia por um emaranhado de ruelas estreitas e silenciosas.

O centro medieval de Coimbra é ideal para ser percorrida a pé, mas nós descobrimos outras maneiras (algumas nada convencionais) de explorá-la. A mais ortodoxa é alugando, por dia ou por algumas horas, uma trotinete ou uma bicicleta; o quesito menos ortodoxo fica por conta do fato de ambas serem elétricas. A vantagem é que elas têm o acesso permitido até mesmo no centrinho comercial reservado aos pedestres e na parte antiga da cidade. Além de poupar esforço – em resumo, você pedala quando quer e, nas ladeiras íngremes, quando perde o fôlego, basta um leve toque e o motor liga automaticamente. Assim, não há o menor problema em encarar a colina e chegar até a Sé Velha onde estão encravadas não só a universidade, mas também um monumento à cultura, a Biblioteca Joanina, obra prima do Barroco, preciosidade histórica que data de 1750. Ali, num edifício que foi concebido para ser uma “casa de livros”, estão guardados 200 mil volumes, sendo a maioria coleções originais editadas nos séculos 16, 17 e 18.

Coimbra é fiel às suas tradições. Uma delas é a “queima das fitas”, a festa mais simbólica dos universitários, que hoje somam cerca de 20 mil alunos. O evento é sempre em maio, quando os futuros formandos incendeiam as suas fitas coloridas na escadaria da Sé Nova – fitas que recebem quando são admitidos na universidade, sendo amarelas para os estudantes de medicina e vermelhas para os de direito. Outra curiosidade local são a capa e a batina, que mesmo sendo uma indumentária obrigatória apenas nas cerimônias solenes, são trajados pelos mais conservadores no dia a dia, que fazem questão de transitar vestidos de negro pelo campus e cercanias.

Voltando às diferentes maneiras de se locomover pela cidade, encontramos um terceiro meio bem menos convencional e mais desafiador: o *segway*, uma engenhoca de duas rodas que se move com uma simples inclinação e o peso do corpo, e já se espalha como modalidade de recreação turística em inúmeras capitais europeias. Em Coimbra, o seu acesso é limitado ao perímetro do Parque Verde, que margeia o rio Mondego. De águas límpidas – dos menos poluídos da Europa – é também conhecido como o rio dos poetas, e

serve ainda de palco para alguns passeios, seja de caiaque ou botinho elétrico. No entanto, é preciso ter cuidado em algumas partes muito rasas, onde o barco pode encalhar. Isto se deve ao assoreamento que infelizmente compromete a navegação de embarcações maiores ou com calado. Mas nada impede uma divertida descida para observar as margens e a paisagem que formam o cartão postal da cidade.

O Parque Verde foi inteiramente remodelado e conta com simpáticos restaurantes, pubs e bares alinhados num amplo deck de madeira, onde a gente senta debaixo de *ombrellones* para almoçar ou jantar, degustar uma sangria, uma cerveja gelada ou um café. Do lado direito da orla, a vegetação é abundante e sempre sopra uma brisa suave para amenizar o calor. Os finais de tarde são especialmente agradáveis, e o cenário é muito bonito no por do sol. Depois desse espetáculo da natureza, que pode, em alguns casos, levar às lágrimas os mais sentimentais, só é preciso levar de volta para casa as boas lembranças de Coimbra.

SERVIÇO

www.turismodecoimbra.pt

DDI 00xx35

Como Chegar

Não há voos diretos do Brasil para Coimbra.

O aeroporto mais próximo é Lisboa.

Coimbra fica a 180 quilômetros de Lisboa.

Onde Ficar

Hotel Quinta das Lágrimas

Rua Antonio Augusto Gonçalves, s/n

www.quintadaslagrimas.pt

lagrimas@relaischateaux.com

Tel.: 1 239 809 380

Onde Comer

A Portuguesa

Parque Verde Mondego – Avenida da Lousa

Snacks, especialidades regionais

Rock Café Coimbra

Parque Verde Mondego – www.rockcafecoimbra.pt

Saladas, hamburguers, sangrias, cervejas

Arcadas

Hotel Quinta das Lágrimas

Rua Antonio Augusto Gonçalves, s/n

www.quintadaslagrimas.pt

geral@quintadaslagrimas.pt

Menu *Pedro & Inês* é uma requintada escolha, com pratos bem elaborados. O ideal é saboreá-lo com a harmonização. O restaurante ostenta uma estrela Michelin.

Transporte

Parque Verde

Aluguel de ecotransporte (trotinetes, bicicletas, segway, caiaques, barcos elétricos)

Tel.: 963 283 046

Rio Mondego



Hell de Janeiro e a onda dos restaurantes na areia; o mais novo mistura Califórnia e costa Mexicana

Bruno Calixto



Vista aérea do Sel d'Ipanema

Foto: Bernardo Britto - Avocado

Eles são famosos na Grécia, Espanha, Riviera Francesa, no México, Uruguai e até nos Emirados Árabes. Os clubes de praia – misto de restaurante, bar de praia e balada – vêm caindo no gosto dos cariocas e turistas, aos poucos, dominando a orla, ocupando o lugar dos tradicionais quiosques. Já é quase impossível encontrar aquela janela aberta com água de coco a R\$ 5. Um dos mais recentes abriu em Ipanema, junto com o início de 2023. O *Sel d'Ipanema* (sel é sal em francês), do Grupo Accor, fica entre os postos 9 e 10, altura da Garcia D'Ávila. Vai ser o pé na areia do Hotel Sofitel, que só deve reabrir em 2024. O *chef* Carlos Cordeiro (Fairmont) é quem assume o comando da cozinha, segundo ele, de inspiração mexicana/californiana.



Dali saem crusos de peixes do dia com óleo de pimenta, frutas cítricas, molho frio de coco e óleo de endro; tartar de atum com creme de abacate, salada de aipo com citronette e pickles de jalapeño e ceviche de camarão com manga mergulhado em leite de tigre (que jorra da coqueteleira geladinho) – R\$ 65 a R\$ 80.



De cima para baixo:
Crudo de peixe do dia, Tartar de atum,
Boho Chic, com vodca
e flor de clitoria, e Tulum
Fotos: Dhani B



Chef Carlos Cordeiro

Foto: Dhani B

Também fazem sucessos os *antojitos* – brincadeira com a comida de rua mexicana: frango frito a barbecue mexicano e *sour cream* (R\$ 60); camarões VM salteados (R\$ 120); guacamole regado a pico-de-gallo e burrata com calda de morango, ervas frescas e croûtons de limão.

Na ala dos quentes, atenção para a copa lombo de porco marinado na folha de bananeira com tortillas.

Atenção para a grande estrela do menu, o pargo flambado com tequila, que chega inteiro à mesa, coberto de uma manta grossa de sal, onde permanece cozinhando por 30 minutos. Este último, para, de duas a quatro pessoas (R\$ 240). Tudo isto servido em louças de cerâmica vindas da Turquia.

As sobremesas são um espetáculo à parte. Churros? Tem, com chantilly de doce de leite. Mil folhas? Com creme de coco com baunilha e calda de morangos. Gelado de limão? Com couli de maracujá, gelatina de margarita e suspiro quebrado. E torta de chocolate? Claro, com toffee de caramelo salgado e crocantes de pimentas mexicanas.



Churros
com
chantilly
de doce
de leite

Foto: Dhani B

Para o brinde, uma série de drinques autorais, e dá-lhe margaritas, spritzer, gim&tônica, vinhos e (para quem fica bem sem álcool) smoothies.

Com foco na sustentabilidade, a arquiteta Flávia Machado priorizou madeiras clarinhas para as mesas e o teto. São 160 lugares entre cadeiras, sofás e espreguiçadeiras. O espaço é cercado de canteiros com vegetação de restinga e ombrelones com franjinhas

que lembram “*The White Lotus*”, onde sobram conforto, entretenimento e uma estrutura de altíssimo padrão. Um restaurante na areia!

SERVIÇO

Sel d'Ipanema

Endereço: Av Vieira Souto, QC 11 e QC 12, Ipanema,

Rio de Janeiro / RJ – *Tel.:* (21) 99293-4765

Horários: De terça a domingo das 11 às 21h

[@selipanema](#)



Ceviche de peixe do dia

Foto: Dhani B



Mil folhas com creme de coco com baunilha e morangos

Foto: Dhani B



Exposição "Entre o Céu e a Terra", em Congonhas – Mabel, *Ogum*, 2002

ARTE NAS ESTAÇÕES

Parte da coleção do Museu Internacional de Arte Naïf, fechado no Rio de Janeiro desde 2016, é exibida no interior de Minas Gerais, em mostras itinerantes. Curadoria reúne obras em exposições temáticas realizadas simultaneamente em Ouro Preto, Congonhas e Conselheiro Lafaiete



Exposição "Sofrência",
em Ouro Preto –
Gerson, *Mulheres
do mangue*, 1963

O projeto *Arte nas Estações*, idealizado pelo colecionador e gestor cultural carioca Fabio Szwarcwald, acontece nos dias 2, 3 e 4 de fevereiro, com a abertura de três exposições temáticas realizadas simultaneamente em três cidades mineiras: Ouro Preto, Congonhas e Conselheiro Lafaiete. Com curadoria de Ulisses Carrilho, as mostras levam obras da coleção do Museu Internacional de Arte Naïf (o maior acervo do gênero no mundo) para espaços fora do eixo Rio-São Paulo, com o objetivo de disseminar a sua potência.

Arte Naïf é o termo usado para identificar a produção de artistas autodidatas que não tiveram acesso ao ensino formal de arte. No entanto, Carrilho reconhece que se trata de um termo questionável, defendendo a sua utilização para desmontar a ideia de inferioridade e sublinhar o texto político que estas obras carregam.

"As exposições são sobre saberes que precisam ser respeitados e que não fazem parte de uma norma. Vamos levar essas obras a lugares aonde ainda não chegaram, bem como aprenderemos com os saberes locais em cada parada que fizermos".

Para o curador, a itinerância é a mecânica comum entre as três mostras distintas, que ocupam temporariamente os espaços e seguem para a próxima estação. *"Faz todo o sentido falar de arte popular através dessa estrutura que monta e desmonta, como os grupos de teatro ambulante e de circo"*, reflete.

Para Szwarcwald, diretor executivo do projeto, é um sonho levar um acervo tão rico a lugares que, muitas vezes, não têm oportunidade de receber exposições por falta de investimento: *"A itinerância é rara nesses*

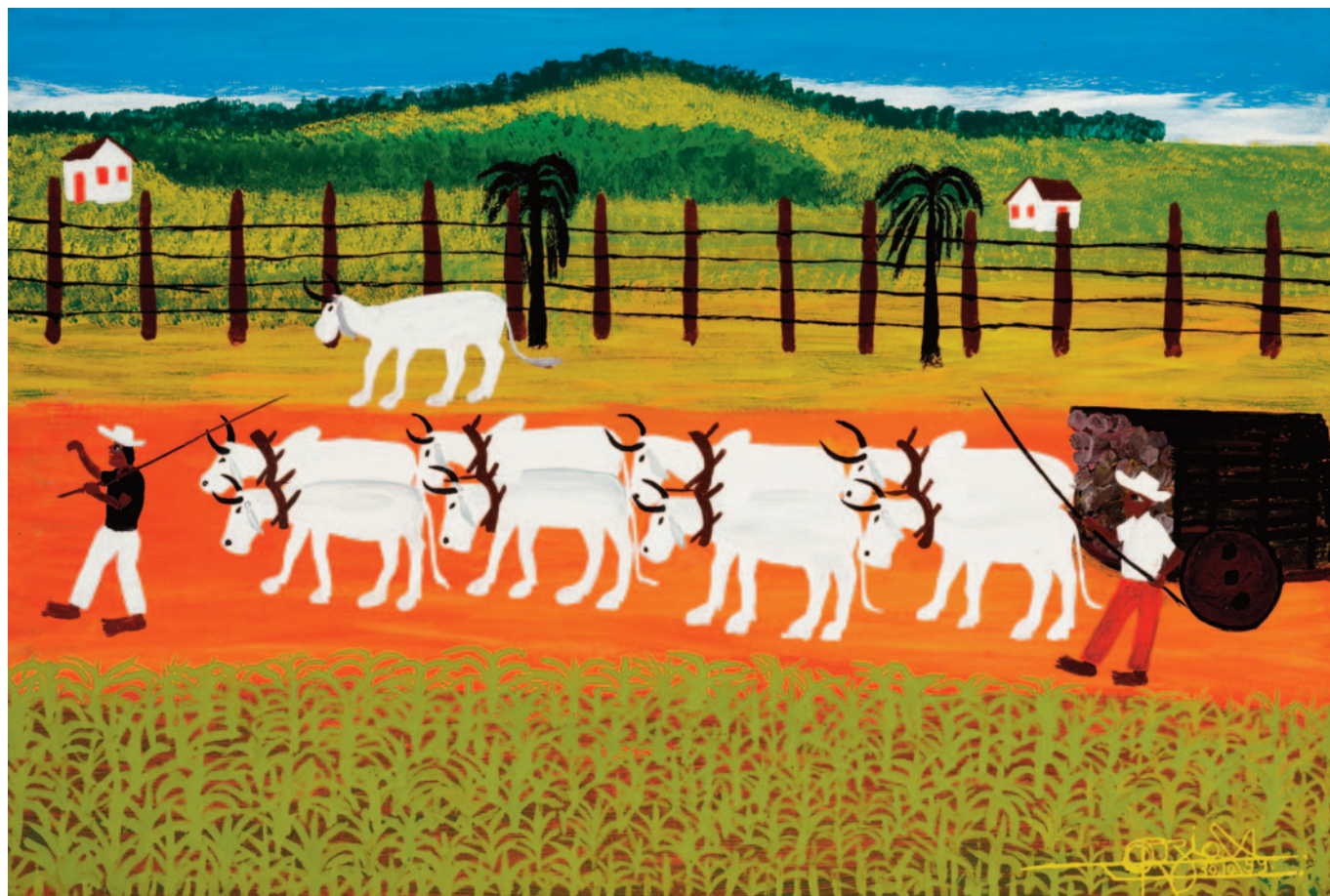
territórios e a gente quer ultrapassar essa concentração cultural nas capitais”, comenta. “É muito interessante levar artistas naïf às suas cidades natais, onde nunca chegaram a expor, dando a eles o merecido reconhecimento. Meu objetivo é utilizar a arte e o trabalho dos artistas como uma plataforma de educação, criando uma oportunidade dos espectadores terem uma visão ampliada sobre o mundo que vivemos hoje”.

Em Ouro Preto, no Paço da Misericórdia (antiga Santa Casa), **"Sofrência"** fala sobre apaixonamento e sepa-

ração por meio de uma narrativa com início, meio e fim. Inspirada nas novelas, essa história apresenta ao público cenas de convívio social, flerte, festas e jogos de sedução, permeadas por poesias e poemas populares. *"Olhar para essas obras faz lembrar como é político você dizer que ama alguém e manifestar o seu desejo",* reforça Carrilho.

A Estação ferroviária de Conselheiro Lafaiete, a 96 km da capital do estado, dá lugar à exposição **"A Ferro e Fogo"**. Nela, artistas populares abordam uma relação

Exposição "A Ferro e Fogo", em Conselheiro Lafaiete – Odoteres Ricardo Ozias, *No campo*, 1999





Exposição "Entre o Céu e a Terra", em Congonhas – Kleber



Exposição "Sofrência", em Ouro Preto – Lia Mitrarakis, *A noiva*, 1989

integrada entre as questões naturais e políticas. Manifestações e rebeliões são representadas nas obras que trazem cenas de luta pela preservação das espécies: uma mata exuberante, uma terra fértil, um povo nutrido de um forte desejo de construir.

Por fim, o Museu de Congonhas recebe "**Entre o Céu e a Terra**", que aborda as fés – sempre no plural. Crenças, manifestações religiosas e credices populares aparecem em cenas noturnas, céus estrelados, aparições, graças alcançadas, súplicas fervorosas e seres fantásticos do folclore brasileiro. A exposição conta ainda com um núcleo em que estadistas são retratados, como José Sarney e Getúlio Vargas, trazendo para a discussão a necessidade de acreditar numa ideia de Brasil também através da política.

Para além das obras naïf, cada exposição conta com uma videoarte contemporânea escolhida para dialogar com as temáticas abordadas. *Pancake*, de Márcia X,

Terremoto Santo, de Bárbara Wagner e *Benjamin de Burca*, e *Nada é*, de Yuri Firmeza, funcionam como dispositivos pedagógicos para criar discussão, interagindo com o presente.

Ao colocar a arte naïf em diálogo com questões do nosso tempo, o projeto preenche uma lacuna da história da arte brasileira, não só ao dar visibilidade a essa coleção, mas ao chamar a atenção para uma problemática latente desde o encerramento do Museu de Internacional de Arte Naïf, em 2016. A instituição, que tinha sede num casarão histórico no Cosme Velho, no Rio de Janeiro, suspendeu as atividades por falta de financiamento. Atualmente, a coleção privada de Jacqueline Finkelstein encontra-se armazenada num guarda-móveis.

"Essas exposições podem ser o último suspiro de uma movimentação importante para trazer luz à situação da venda da coleção naïf. É importante mobilizar as pessoas, fazendo com que as obras fiquem no Brasil",



Exposição “A Ferro e Fogo”, em Conselheiro Lafaiete – Odoteres Ricardo Ozias, *Colheita do café*, 2000

alerta Szwarcwald. Atualmente, cerca de três mil peças da coleção estão sob o risco de serem vendidas para fora do país. Dessas, 270 compõem o corpo das exposições do *Arte nas Estações*.

SERVIÇO

Arte nas Estações

Aberturas: 2, 3 e 4 de fevereiro

Encerramentos: 9 de abril

Sofrência – 2 fev a 9 abr 2023

Paço da Misericórdia (antiga Santa Casa)

Rua Padre Rolim, 344 – Ouro Preto, Minas Gerais / MG

Horário de funcionamento: quinta a domingo de 9h às 17h

A Ferro e fogo – 3 fev a 9 abr 2023

Estação Ferroviária – Rua Cel. Bento, 75

Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais / MG

Horário de funcionamento: terça a domingo de 9h às 17h

Entre o céu e a terra – 4 fev a 9 abr 2023

Museu de Congonhas

Alameda Cidade Matozinhos de Portugal, 77

Congonhas, Minas Gerais / MG

Horário de funcionamento: terça a domingo de 9h às 17h

Site: www.artenasestacoes.com.br

Instagram: [@artenasestacoes](https://www.instagram.com/artenasestacoes)

Entrada gratuita | Classificação livre

EXPOSIÇÃO INÉDITA NO MIS EXPERIENCE, SP



Pela primeira vez no país uma exposição conta com projeção mapeada no teto e nas paredes: 14 salas, distribuídas em mais de 1000 metros quadrados, convidam os visitantes a um mergulho na capela Sistina, a mais famosa do mundo, e nos afrescos de Michelangelo. A mostra ainda exhibe a reprodução do ateliê do artista renascentista, manuscritos, esculturas e desenhos



Foto: Divulgação

A reprodução gigante do teto da Capela Sistina, com estrutura criada exclusivamente para essa exposição, proporciona ao público uma experiência inédita de imersão no ambiente. A sala dedicada à imersão conta com recursos de alta tecnologia de animação e sonorização, promovendo um mergulho dos visitantes nas obras de Michelangelo. Detalhes sobre cada grupo de afrescos criados pelo pintor renascentista italiano compõem a experiência.

Com mil metros quadrados divididos em 14 salas expositivas, a mostra traz, além da sala de imersão com projeções gigantes no teto e nas paredes, espaços dedicados à arquitetura, história e curiosidades da Capela Sistina. Também há uma sessão dedicada ao Conclave,

reunião dos cardeais para escolher um novo Papa, assim como a réplica da chave da Capela Sistina, trazida diretamente do Vaticano.

Os conteúdos das salas, elaborados pelo curador da mostra, o professor e historiador da arte Luiz Cesar Marques Filho, trazem informações sobre a construção da Capela, suas tradições e seu uso pelo Vaticano, com destaque para uma maquete que reproduz afrescos e detalhes interiores.

SEÇÃO DEDICADA A MICHELANGELO

Os visitantes também podem conferir desenhos, estudos e projetos do renascentista Michelangelo. A reprodução em larga escala do ateliê do artista é um dos

destaques da seção, que apresenta gravuras gigantes das obras, cartas, manuscritos e documentos sobre o processo de desenvolvimento dos afrescos.

As réplicas das esculturas selecionadas contemplam diferentes fases da trajetória de Michelangelo. Entre elas está uma das primeiras peças produzidas pelo artista, *“Madonna da escada”* (1491), que retrata a Virgem Maria sentada em uma escada segurando e cobrindo seu filho, enquanto ele dorme.

“Centauromaquia” ou *“A batalha dos centauros”* remete à fase em que Michelangelo começa a desta-

car a nudez como forma de representar a beleza. A réplica certificada de *“Madonna de Bruges”* (1501/1504), destaque no filme *“Caçadores de obras-primas”*, estrelado por George Clooney, também faz parte da exposição.

Conhecida como a última obra inacabada de Michelangelo, a *“Pietà Rondanini”* (1552) é outra peça de destaque. Todos os itens da mostra são homologados pelas instituições italianas que preservam o legado artístico de Michelangelo. As nove réplicas de esculturas foram produzidas em Florença, na Itália, pela *Gipsoteca dell'Istituto D'Arte di Firenze*.

Foto: Divulgação



“A Secretaria de Cultura e Economia Criativa, através do MIS Experience oferece, por meio dos mais avançados recursos tecnológicos aplicados à fruição de obras de arte, uma experiência inédita para o público brasileiro. Mergulhar na genialidade de Michelangelo, descobrindo cada detalhe dos afrescos, é oportunidade única para visitantes de todas as idades”, afirma Marcos Mendonça, diretor-geral da ACCIM – Associação Cultural Ciccillo Matarazzo, responsável pela gestão do MIS, MIS Experience e Paço das Artes.

A exposição *“Michelangelo: o mestre da Capela Sistina”* é uma realização do Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, MIS Experience, Boldly Go e Deeplab Project, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Com coprodução da SEE Enter-

tainment, a mostra é apresentada pela Rede D'Or, com patrocínio da NTT, XP, Laboratório Cristália, UOL, Occam, Invisalign e ZAP. A exposição possui ainda apoio do Consulado da Itália, da On Projeções, Fever e SP Secreto. Os direitos de imagem são da Bridgeman Images.

SERVIÇO

Exposição *“Michelangelo: o mestre da Capela Sistina”*

Até 30 de abril

Local: MIS Experience – Rua Cenno Sbrighi, 250, Água Branca, São Paulo / SP

Venda de ingressos no site www.michelangelocapela-sistina.com.br e também nas bilheterias do MIS Experience

Valores: Gratuito às terças; quartas a sextas: R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia); sábados, domingos e feriados: R\$ 50,00 (inteira) e R\$ 25,00 (meia).

Crianças até 7 anos têm entrada gratuita.

Horários: Terças, quartas, quintas, sextas e domingos: 10h às 18h; sábados e feriados: 10h às 19h





Berna Reale, *Quando todos calam #2*, 2009

Foto: Flávio Freire

"MEU CORPO: TERRITÓRIO DE DISPUTA"

Galeria Nara Roesler SP abre o calendário 2023 com exposição coletiva que reúne trabalhos de 27 artistas mulheres de diferentes gerações. Todos evocam as experiências vivenciadas por corpos reconhecidos como de mulher. Com curadoria de Galciani Neves, a mostra será inaugurada no dia 11

“Viver em um corpo reconhecido como um corpo de mulher é saber que esse corpo pode ser apalpado, violado, avalizado subitamente. Viver em um corpo reconhecido como um corpo de mulher é viver um corpo-escudo, um corpo-flama, apto ao embate. Estamos em estado de combate e defesa”, afirma Galciani Neves, ao definir as inquietações que deram origem a seu projeto curatorial.

Enquanto as estatísticas se revelam assombrosas pela cruzada dos fatos – o Anuário Brasileiro de Segurança Pública aponta que uma mulher é vítima de feminicídio a cada 7 horas, no país – Neves apresenta um conjunto diverso de estratégias poéticas desenvolvidas pelas artistas, que encaram esse cenário a partir da crítica, da fabulação, da autoafirmação e do reconhecimento de ser mulher no Brasil. Propondo uma corporeidade centrada no desejo, na espiritualidade e na ancestralidade, as artistas fazem do corpo um espaço de luta, resistência, força e gozo.

A mostra se organiza em três eixos principais: *A liberdade também é um combate*, *Fabular uma anatomia experiencial*, e *Corpo-floresta em desbunde*. Na primeira sessão figura *Quando todos calam #2* (2009), trabalho icônico de Berna Reale, na qual a performer se deita, nua, coberta por vísceras, sobre uma mesa a céu aberto no Mercado Ver o Peso, em Belém. Reale, que também atua como perita criminal, conhece a materialidade da violência em toda sua brutalidade. Outras formas de violência visíveis, como aquela instituída pelas represen-

tações da história da arte, aparecem no trabalho de Anna Bella Geiger, assim como os vestidos de navalhas e outros objetos cortantes de Nazareth Pacheco.



Anna Bella Geiger, *Corpo feminino e seu appendix* (após Brecheret), 2014

Foto: Divulgação

A linguagem desponta como estratégia que permeia a exposição na construção de narrativas elusivas e angustiantes, como as bandeiras das Terroristas del amor, o letreiro neon de Livia Aquino, os desenhos-anotações de Letícia Parente, e a colagem de notas fiscais e

fotografias de Renata Felinto. As imagens também se guiam pela criação de ficções poéticas e irônicas, como no trabalho *Identidade é ficção* (2019), de Sallisa Rosa, goiana radicada no Rio de Janeiro; pela fabulação acerca de ataques e violências, como em *Memória demarcada* (2020), da carioca Sumé Vasconcelos (Yina); assim como pelo registro de processos ritualísticos apresentado em *Dissoluções* (2021), de Rubiane Maia, capixaba que vive no Reino Unido.

Os objetos poéticos de Brígida Baltar se destacam pela estranheza das formas corporais distorcidas, e dialogam com as esculturas de Josi e pela organicidade minimalista presente nas obras de Flávia Vieira.

Já os trabalhos de Djanira, Tadáskia e Hariel Revignet discutem temáticas relacionadas à ancestralidade. A dimensão política, por sua vez, perpassa todos os trabalhos, com destaque para os retratos de Guerrilheiras, da série *Alma de Bronze* de Virgínia de Medeiros. Durante meses, a artista conviveu com as lideranças femininas do *Movimento dos Tra-*



De cima para baixo:
Brígida Baltar, *As conchas-vagina (mostruário)*, 2017;
Josi, *Série auscultações*, 2022;
Flavia Vieira, *Hopes and fears*, 2018

Fotos: Divulgação

balhadores Sem Teto (MTST), fotografando-as em seus lares. Como é comum na prática de Medeiros, o corpo não é só o individual, mas também é um corpo coletivo, um corpo político que constrói, com o outro, o reconhecimento.



Virginia de Medeiros, *Carmen Silva Ferreira, Guerrilheiras*, da série *Alma de Bronze*, 2017

Foto: Divulgação



Tadáskia, *As juntinhas*, 2022

Foto: Divulgação

ARTISTA PARTICIPANTES

Anna Bella Geiger, Berna Reale, Brígida Baltar, Djanira, Daiara Tukano, Eneida Sanches, Fernanda Gassen, Flávia Vieira, Hariel Revignet, Isabella Beneduci, Josi, Laura Berbet, Letícia Parente, Lívia Aquino, Maré de Matos, Monica Ventura, Nazareth Pacheco, Renata Felinto, Regina Parra, Rubiane Maia, Sallisa Rosa, Sumé Vasconcellos, Tadáskia, Terroristas del Amor, Vânia Medeiros e Virginia de Medeiros.

SERVIÇO

Coletiva *Meu corpo: território de disputa*

De 11 de fevereiro a 18 de março

Galeria Nara Roesler | São Paulo

Av. Europa, 655, Jardim Europa, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2039-5454

info@nararoesler.art

Horários: Seg a Sex | 10h–19h

Sáb | 11h–15h



Bruno Miguel, exposição *Abre Gira – Oxumarê - O Arco-Íris é a Beleza do ciclo das águas*, 2022

Foto: Jaime Acioli



Foto: Renan Lima

ABRE GIRA e GEOMETRIAS DO HABITAR

*Individuais de professor e aluna refletem o lugar da produção artística contemporânea da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, RJ. **Abre Gira** é a primeira individual de Bruno Miguel, artista e professor da instituição há 13 anos; **Geometrias do habitar** reúne trabalhos de Carmen Verônica da Costa Souza, funcionária e aluna da EAV, que adotou o nome artístico Dona Carmen para seguir sua trajetória na cena das artes visuais*

ABRE GIRA | BRUNO MIGUEL

CURADORIA: ANDRÉ SHEIK



Através da mistura de tintas acrílica, a óleo e em spray, os trabalhos de Bruno em *Abre Gira* exibem pinturas sobre tapeçarias antigas compradas em leilões. As obras apresentam entidades e orixás, representações sincréticas religiosas e manifestações presentes na cultura brasileira, como samba, capoeira e festas populares. “Se grande parte da arte ocidental tem sua origem associada à pintura religiosa cristã, ao retratar elementos de uma crença de matriz africana sobre tapetes, cuja origem é de uma tradição europeia, o artista ressignifica esses tecidos e acrescenta a eles a cultura miscigenada brasileira. Nesse processo, Bruno inverte a lógica do protagonismo”, ressalta André Sheik, curador da exposição.

Na opinião do historiador brasileiro Luiz Antonio Simas, “os trabalhos de Bruno Miguel que compõem essa exposição ganham contornos que desafiam, driblam, subvertem os projetos de exclusão do Brasil oficial em nome da força espantosa das brasilidades encantadas. Interferindo em tapeçarias com personagens, cenas e ambi-

entes europeus, e trazendo para a arte-gira orixás, guias, encantados, caboclos, malandros, pombagiras, carnavais, tambores, flechas, cocares, o artista celebra a sofisticação de saberes e modos de vida que dão uma rasteira no racismo estrutural, na colonialidade, nos projetos de branqueamento físico, espiritual, artístico e filosófico”.

Professor e ex-aluno da EAV, Bruno celebra a oportunidade: “Eu até já havia exposto nas galerias do Parque Lage como aluno, mas foi maravilhoso saber que, no meu 13º ano como professor da instituição, finalmente terei meu trabalho exibido nesse lugar tão importante para as artes visuais brasileiras”. A mostra ocupa as Cavalariças da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

SOBRE O ARTISTA

Bruno Miguel é artista, professor e curador carioca. Formado pela Escola de Belas Artes da UFRJ em licenciatura em artes plásticas e pintura, fez inúmeros cursos na EAV Parque Lage, participando do programa “Aprofundamento” em 2010, e desde o ano seguinte é professor da escola. Como artista participa desde 2007 de exposições individuais e coletivas no Brasil e em países como EUA, Alemanha, Portugal, Turquia, Peru, Bolívia, Colômbia, Argentina e Chile. Suas obras estão em importantes coleções institucionais e particulares, nacionais e internacionais. Fez também a curadoria de mostras individuais e coletivas em Londres, Rio de Janeiro e São Paulo.



Bruno Miguel, *Eu fico com a pureza da resposta das crianças (Honre seus Ancestrais)*, 2022

GEOMETRIAS DO HABITAR | DONA CARMEN

CURADORIA: ADRIANA NAKAMUTA



Fotos: Renan Lima



“Geometria” e “habitar” foram as palavras escolhidas para intitular a exposição de Dona Carmen. Em seu trabalho, as geometrias são constituídas paralelamente à própria construção do espaço físico pictórico da tela; suas pinturas são matérias visuais expressivas de muitas linhas e planos que habitam as suas inspirações e memórias.

A artista é parte da memória afetiva dos que passaram pela EAV na última década. À frente da secretaria da

escola há 12 anos, ela foi aluna de Anna Bella Geiger, Fernando Cocchiarale, Marcelo Campos, Carli Portella e atualmente frequenta as aulas do curso “A pintura como um fazer”, ministrado por Alberto Saraiva, professor e diretor da instituição.

“Sua pintura tem uma geometria sensível construída em camadas; primeiro ela prepara a base da tela em gesso, depois desenha e pinta uma geometria de base em preto e branco, só depois é que vem com as estru-



Foto: Renan Lima

turas geométricas coloridas. Ela estabeleceu um processo conceitual claro de construção de suas pinturas, de baixo para cima, e utiliza apenas três cores: azul, amarelo e vermelho, as cores primárias”, observa Alberto.

De acordo com Dona Carmen, foi a partir das aulas com Alberto que passou a pintar livremente e discutir seu

trabalho. “Pude ir tomando minhas decisões sobre como pintar, criando minhas próprias cores e entrando cada vez mais no universo das formas geométricas. Geometria era meu forte desde criança na escola e, por isso, acho que veio tão impositiva na pintura. A geometria é uma vivência diária, da arquitetura de casa até a da cidade, faz parte integral da vida. No Rio, nós con-

struímos nossas próprias casas. Nossa geometria é a realidade cotidiana”, afirma a artista.

“A Carminha é a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Essa afirmação consiste em responder perguntas que nós temos feito sobre o lugar da produção artística contemporânea na instituição e as artistas que contribuem para isso. Revelar e tornar público novas contribuições também é nosso propósito enquanto espaço de ensino, troca e experimentações! Nesse sentido, recepcionar na Capelinha as pinturas de Dona Carmem nos orgulha profundamente”, declara Adriana Nakamuta.

Dona Carmen, 57 anos, é carioca, artista e funcionária da EAV Parque Lage.

SERVIÇO

Abre Gira

Local: Cavalariças da Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Abertura: 2 de fevereiro, das 19h às 21h

Até 2 de abril

Visitação: de quinta à terça-feira, das 10h às 17h

Geometrias do habitar

Local: Capelinha da Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Abertura: 2 de fevereiro, das 19h às 21h

Até 2 de abril

Visitação: de quinta à terça-feira, das 9h às 17h

Escola de Arte Visuais do Parque Lage

Rua Jardim Botânico, 414, Rio de Janeiro / RJ

Website: <http://eavparquelage.rj.gov.br/>

Instagram: [@parquelage](https://www.instagram.com/parquelage)

Whatsapp: (21) 99228-7955 | 96654-3179



Fotos: Renan Lima



MEMORIAL ÀS VÍTIMAS DO HOLOCAUSTO É INAUGURADO NO RIO DE JANEIRO



Espaço tem o objetivo de preservar e tornar conhecidas as histórias de vítimas e sobreviventes do genocídio que atingiu judeus e outras minorias para evitar que elas se repitam

Localizado no Parque Yitzhak Rabin, no Mirante do Pas-mado, em Botafogo, no Rio de Janeiro, o projeto tem o objetivo de preservar e tornar conhecidas as histórias das vítimas da perseguição e do genocídio empreendido pelo nazismo que atingiu judeus, ciganos, negros, pessoas com deficiência física e mental, comunidade

LGBTQIA+, Testemunhas de Jeová e maçons. O espaço – que abriga um monumento a céu aberto de 20 metros de altura em homenagem às vítimas do Holocausto (criação do arquiteto André Orioli) – é dividido em blocos que representam os Dez Mandamentos, com destaque para o “*Não Matarás*”.

Foto: Albert Andrade



Dados históricos revelam que, das 11 milhões de vítimas, 6 milhões eram de pessoas judias, população que sofreu uma perseguição mais estruturada, e 5 milhões, de outras minorias: *“O Memorial às Vítimas do Holocausto não é dedicado apenas ao povo judeu, é um espaço de reflexão para todos. Além da preservação da memória, que é fundamental, pretendemos transmitir os valores para que a história não se repita. Queremos que os visitantes possam absorver alguns dos princípios e saiam melhores do que entraram”*, destaca Alberto Klein, Presidente da Associação Cultural Memorial do Holocausto.

A exposição, instalada na parte edificada do monumento, no subsolo da praça, apresenta aos visitantes as memórias e os relatos de vítimas e sobreviventes, em forma de imagens, áudios, sons, relatos e conteúdos interativos. A mostra imersiva convida o público a olhar para o passado e transformar o futuro a partir de princípios como respeito e tolerância. São apresentadas na exposição histórias como a da princesa Maria Karoline, bisneta de D. Pedro II, morta na câmara de gás por ter deficiência, ou do jovem Mordechai Anielewicz que, com 24 anos, liderou a resistência no gueto de Varsóvia, entre outras.

“O Memorial às Vítimas do Holocausto traz um importante legado para o Rio de Janeiro, cidade que recebeu boa parte dos imigrantes refugiados desse trágico período. Montamos um time curatorial de especialistas em temas específicos do Holocausto para garantirmos diversidade na abordagem e para con-




Princesa Maria Karoline,
Foto: Wikimedia Commons;
Mordechai Anielewicz,
Foto: Wikipédia

seguirmos evidenciar o impacto desse episódio nas vidas de diversas minorias. O público poderá entrar em contato com diversas histórias, aprender e refletir”, explica Ricardo Piquet, Presidente do Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG), responsável pela concepção curatorial, implantação museográfica e captação de recursos por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

ÁREAS E CONTEÚDOS

O contato com a exposição tem início antes mesmo de o visitante entrar na sala de abertura. Na rampa de entrada ao local, na parede lateral do espaço, nomes de comunidades e cidades vão se rareando à medida em que a entrada principal se aproxima, em uma metáfora visual que remete às comunidades e locais que foram dizimados durante o Holocausto.



TODAS AS HISTÓRIAS CONTADAS AQUI SÃO REAIS
ALL STORIES TOLD HERE ARE REAL

Foto: Albert Andrade

Já no interior da edificação, é no espaço “*Centro Vida*” que o público tem contato com o conteúdo museológico, no qual letras formam citações e retratos de sobreviventes. Palavras e imagens reforçando a importância da vida fluem a partir da base do monumento – elemento escultórico ícone da arquitetura da edificação, até o final das paredes curvas. O monumento tem um vazio onde aparece o mandamento bíblico “*Não Matarás*”, ressaltando a sua essência. Esse vazio também pode ser interpretado pela ausência em suas múltiplas versões: ausência de tolerância, respeito, liberdade, justiça, de uma pessoa, de uma cultura.

Em seguida, a exposição conta a história do Holocausto dividida em três grandes áreas. O primeiro módulo “*A vida antes do Holocausto*” retrata os diferentes

modos de vida na Alemanha, Polônia, Rússia e outros países. São fotos e vídeos colorizados por inteligência artificial para ressaltar a rotina plena e plural do povo judeu e demais grupos que viriam a ser perseguidos pelo nazismo, além de seus hábitos sociais – ida às festas, escolas, casamentos, a diversidade dos idiomas e alfabetos, entre outros.

Ao entrar na área “*A vida durante o Holocausto*”, tudo vai descolorindo e até mesmo os visitantes tem seus tons de pele e cores das roupas alterados a partir do efeito de uma iluminação especial da sala. Sob o impacto da perda de cor, será possível ter contato com os dilemas éticos vividos por pessoas em um mundo de caos, desde as etapas de identificação dos sinais do nazismo até a deportação e o extermínio. Ali os visitantes terão a real percepção da luta das pessoas pela sobrevivência, a luta pela vida.

Seguindo o percurso da mostra, a próxima área é “*A vida após o Holocausto*”, na qual a libertação, a imigração e a reconstrução serão o foco principal. As fotos expostas vão aos poucos ganhando cor novamente, evidenciando a resiliência e a capacidade humana de reconstrução. Além de depoimentos dos sobreviventes, um mapa vai mostrar os fluxos migratórios e histórias de pessoas conectadas ao Brasil, sobreviventes que para cá vieram.

Além da exposição permanente, o Memorial às Vítimas do Holocausto possui espaços para mostras temporárias, café, área multiuso para atividades educativas e culturais, e um programa montado para atender a estudantes do ensino público e privado. A exposição permanente tem classificação indicativa de 12 anos.

O Memorial às Vítimas do Holocausto é uma realização da Associação Cultural Memorial do Holocausto, com

Foto: Albert Andrade





Foto: Guilherme Leporace / IDG Divulgação

apoio institucional da Prefeitura do Rio, e concepção curatorial e implantação museográfica do IDG, tendo a Multiplan como patrocinador máster. O projeto conta ainda com o Banco Safra, Banco Daycoval e Cyrela como patrocinadores, Fundo RJZ como copatrocinador e Consulado da Alemanha, CSN e Gávea Investimentos como Parceiros.

HISTÓRICO DO PROJETO

O Memorial começou a ser idealizado há cerca de 30 anos pelo então deputado estadual Gérson BergherZ"L (1925-2016). Sua esposa, a Vereadora Teresa Bergher, deu continuidade à realização do projeto e é autora da Lei Municipal nº 6322 de 17 de janeiro de 2018, que possibilitou a construção do espaço cultural. Em 2017, foi criada a Associação Memorial do Holocausto, enti-

dade sem fins lucrativos, responsável pela gestão de doações da iniciativa privada, planejamento e execução do Memorial. Após a aprovação do Memorial pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, a Prefeitura fez a cessão de uso do espaço para a Associação.

SERVIÇO

Memorial às Vítimas do Holocausto

Endereço: Alameda Embaixador Sanchez Gavito, s/n
Mirante do Pasmado, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ
Acesso pela Rua General Severiano

Horário de funcionamento da exposição: De quinta-feira a domingo, das 10h às 18h (última entrada às 17h)

Horário de funcionamento do Parque Yitzhak Rabin:
Todos os dias, de 8h às 18h

Classificação indicativa: 12 anos

Ingressos: Gratuitos – devem ser retirados pelo site do Sympla

THE POINT 0, DE MOHAMMED SAMI, NO CAMDEN ART CENTRE, LONDRES

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato



The Point 0,
2020



Refugee Camp (Acampamento de Refugiados), 2022

Numa noite fria, a convite de uma amiga, fui à vernissage da primeira exposição institucional – *The Point O*, de Mohammed Sami (1984, Bagdá, Iraque) no *Camden Art Centre* em Londres.

Sami, quando jovem, foi recrutado pelo regime Ba'ath para pintar murais propagandistas da ditadura de Saddam Hussein. Em casa, se refugiava estudando miniaturas islâmicas para ter acesso a livros de arte, o que explica suas composições perspectivas e a poesia das suas pinturas.

Após a derrubada do regime, Sami trabalhou no Ministério da Cultura e, através de um contato na embaixada da Suécia, pediu asilo político ao país. O artista revela que sente falta da Suécia mais do que do Iraque e que mantém frequentes visitas ao país. Não é à toa a emoção que transmite quando se refere ao período vivido por lá, no campo de refugiados: *“Foram os dias*

mais bonitos da minha vida. Era uma escola de liberdade, você era livre para escolher a sua identidade.”

MEMÓRIA É NOSSA NARRATIVA DE VIDA, NOSSO DOCUMENTO DE IDENTIDADE

A obra *Refugee Camp (Acampamento de Refugiados)*, 2022, reitera a afirmação do artista: retrata um edifício iluminado por um sol intenso, atrás de uma floresta com seus troncos escuros, ocupando um terço da expansão da enorme tela. O resto da pintura representa um grande penhasco de granito que simboliza, para Sami, a materialidade do local. A memória assombra o presente como um fantasma do passado e se estende para o amanhã.

Sami transforma o trauma em mundano, banal como os significantes linguísticos usados pelos árabes – metonímia (utilização de uma palavra no lugar de outra havendo entre elas uma relação de sentido) e tro-

cadilho. Há uma ambiguidade que encobre o trauma permitindo, ao espectador, outras interpretações.

Não há fotos ou esboços, nenhum material de pesquisa: as pinturas nascem subjetivamente do espaço entre subconsciente e imaginação. É escrevendo que as ideias se desenvolvem. A memória é falha, mente, se recicla e com isso se torna uma ferramenta realmente criativa.

The Point 0, trabalho que titula a exposição, é uma das menores telas da mostra. Resulta da viagem que Mohammed Sami fez a Bagdá por ocasião da morte de seu pai. Desse episódio, a lembrança do artista está contida na forma da janela do avião. Ele não consegue

lembrar sequer dos rostos ou de qualquer outra imagem. Sua única lembrança é a janela do avião na forma de zero, além do nada através da janela que era poeira.

As imagens articuladas nas obras do artista são memórias esperando por um gatilho para submergirem. Poeticamente, Sami as chama de memórias tardias. Suas pinturas investigam a raiz do que significa lembrar, escavar o passado e retornar repetidamente ao ponto de origem. O ponto zero, o recomeço.

Mohammed Sami diz que não é preciso exibir personagens porque narrativas envolvendo figuras humanas vão conectar o espectador com símbolos e ícones que



*Ten Siblings
(10 Irmãos),
2021*



The Weeping Lines (As Linhas Chorasas), 2022

vemos na mídia contemporânea. Suas pinturas, ao contrário, se desenrolam como enigmas de cenas fragmentadas, escavadas do seu passado. Seu estúdio é uma corte na qual ele tenta transformar seu papel de acusador para juiz.

POÉTICA DO TRAUMA

A obra *Ten Siblings (10 irmãos)*, 2021, exibe 10 colchões empilhados, uma vez dormidos, mas não mais. E os irmãos, os corpos onde estão? Para Sami, a invisibilidade é mais poderosa do que o visível e está sempre pre-

sente em suas obras. São gatilhos de instantes estereis da sua história pessoal e política.

Para mim, esse quadro representa a poética do trauma. Penso na imagem de corpos que vemos nas ruas, vivos ou mortos deitados nos colchões. A lembrança dos irmãos e também dos corpos que ele deve ter visto e que nós vemos quase diariamente com as guerras. Além dos colchões espalhadas pelo mundo (em Londres o número cresce a cada dia) que abrigam os sem teto.

No trabalho de Sami, o vazio é implacável e ele dá atenção às texturas e superfícies. Para ele, os detalhes são tão importantes quanto a composição abstrata da obra – suas telas são confecções de textura, cor, sombra e espaço. Se baseiam em fragmentos de memória, sensação e intuição.

O artista extrai experiências pessoais para fundamentar seu trabalho, mas sua ambiguidade cria uma sensação de familiaridade universal – roupas pretas penduradas entre paredes amarelas lembram o costume de sempre usar preto em casamentos na cultura árabe – o uso de outra cor é considerado um desrespeito.

Certa vez Sami recebeu um telefonema da professora do seu filho dizendo que o menino chama de pai todo o homem de preto. Interessante como essas anedotas somam-se ao entendimento do artista e sua obra.

Sami saiu da Suécia para seguir seu treinamento artístico, primeiro na Universidade de Ulster, em Belfast, depois no Goldsmiths, em Londres.

SERVIÇO

Exposição *The Point 0 – Mohammed Sami*

Até 28 de maio

Camden Art Centre, Londres

<https://camdenartcentre.org/whats-on/mohammed-sami>

Ateliê do artista

Foto: Still do filme produzido por Jared Schiller para o Camden Art Center por ocasião da exposição de Mohammed Sami "The Point 0"



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868